

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17169 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NAS EXPERIÊNCIAS DE QUATRO JOVENS ADULTOS DE NOVA VENEZA (SC)

Sindianara Mariano - UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina - Campus Tubarão

### **PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NAS EXPERIÊNCIAS DE QUATRO JOVENS ADULTOS DE NOVA VENEZA (SC)**

**RESUMO:** O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa concluída em nível mestrado, que teve por objetivo investigar como a vivência no contexto familiar e educacional impactou as trajetórias de vidas e as experiências de trabalho de jovens adultos de Nova Veneza. Aqui, apresentamos um recorte desta investigação, em que buscamos analisar as experiências de 4 jovens adultos no mercado de trabalho, em diferentes ocupações. Como proposta metodológica, partimos de uma pesquisa de natureza básica, exploratória quanto aos objetivos e de abordagem qualitativa. Foi aplicado questionário aos participantes e, com base nas respostas, procedemos com uma entrevista semiestruturada com quatro pessoas, que nos contaram sobre suas experiências no mercado de trabalho, na escola e na família. Os resultados apontam que os quatro jovens experimentaram experiências precarizadas e instáveis. As experiências analisadas ilustram o aprofundamento da alienação e a ampliação da insegurança entre os jovens trabalhadores.

Palavras-chave: Trabalho. Capitalismo. Contratos flexíveis. Jovens adultos.

#### **Introdução**

Apresentamos parte dos resultados de uma pesquisa concluída a nível mestrado, que teve por objetivo investigar como a vivência no contexto familiar e educacional impactou as trajetórias de vidas e as experiências de trabalho de jovens adultos de Nova Veneza.

O debate sobre o trabalho tem se intensificado nas últimas décadas devido a sua extrema importância não somente na forma de subsistência humana e autotransformadora. O trabalho, de acordo com Antunes (2009), pode ser transformador e humanizador. Isso mostra sua importância não somente para a sobrevivência dos seres humanos como também para sua autotransformação enquanto espécie. Em contrapartida, no capitalismo, o trabalho deixou de existir como uma forma de subsistência e humanização, tomando um rumo contrário, alienando e subjugando a classe trabalhadora. Em seu atual estágio, destacam-se os contratos de trabalho ditos “flexíveis”, envoltos em um discurso neoliberal de meritocracia e liberdade.

Os ditos contratos flexíveis não passam de estratégias de empresas que buscam considerarem o ritmo de trabalho de acordo com empresas contratantes, a fim de enganar leis trabalhistas. Esses contratos flexíveis acabam por colocar a classe trabalhadora em uma posição ainda mais vulnerável e instável, direitos são retirados, salário menor, além de

péssimas condições de trabalho (Fraser; Jaeggi, 2020).

Neste panorama, é vital a reflexão sobre os rumos do mercado de trabalho na atualidade. Com o objetivo de investigar as consequências desta precarização, anunciada como flexibilização pela ideologia neoliberal, analisamos e apresentamos as trajetórias dos quatro participantes, relacionando-as a conceitos como, exploração, flexibilização, discursos neoliberais e uberização.

### **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, exploratória quanto aos objetivos e de abordagem qualitativa. Para atingir o objetivos de pesquisa, optou-se pelo seguinte percurso metodológico: a primeira etapa iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica de cunho teórico/conceitual sobre o tema, debatendo trabalho, trabalho no capitalismo e trabalho e educação na atual conjuntura global de crise geral (Fraser, 2020).

Para a segunda etapa, elaboramos questionários com questões de múltipla escolha e de respostas curtas no *Google Forms* enviado a 17 jovens adultos (18-30 anos) de Nova Veneza (SC), obtendo um retorno de 11 pessoas. A partir das respostas, identificamos as categorias de análise e convidamos 4 pessoas para a terceira etapa da pesquisa, que contaram suas trajetórias de vida, educação e trabalho em uma entrevista semiestruturadas (Projeto submetido e aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa/UNISUL. Parecer: 6.009.634).

Como critérios de inclusão, selecionamos um grupo de jovens adultos de perfis heterogêneos, serem filhos de classe trabalhadora, residentes no município de Nova Veneza e região e terem entre 18 e 35 anos. Analisamos os conteúdos das conversas com os entrevistados à luz das categorias estabelecidas a partir das etapas anteriores: exploração, flexibilização, discursos neoliberais e uberização. Investigamos as experiências de trabalho dos quatro participantes, aqui chamados de Ednei, Tatiane, Ruan e Livia.

### **Discussões e Resultados**

Tatiane é uma mulher cis hetero branca, com 27 anos de idade. Licenciada em História, com especialização em ensino integrado em Filosofia, Geografia, História e Sociologia e Mestra em Desenvolvimento Socioeconômico. No momento da pesquisa, não estava trabalhando. Costumeiramente trabalha como professora Admitida em Caráter Temporário (ACT), normalmente na rede estadual de Santa Catarina e pelo município de Criciúma.

Ednei é um homem cis hetero branco, com 27 anos de idade. Licenciado em História, com especialização em ensino integrado em Filosofia, Geografia, História e Sociologia e Mestre em Desenvolvimento Socio Econômico. No momento da pesquisa, também não estava trabalhando. Sua realidade é similar à de Tatiane, trabalhando costumeiramente como professor ACT, na rede estadual de Santa Catarina e pelo município de Criciúma.

Lívia é uma mulher cis homossexual parda, com 20 anos de idade. Formada no Ensino Médio, não cursou o ensino superior. No momento da realização da pesquisa, Lívia trabalhava com sua mãe e irmão em uma casa de idosos em Nova Veneza, morando neste mesmo local.

Ruan é um homem cis hetero branco, com 29 anos de idade. No momento da pesquisa, estava cursando graduação em Engenharia Civil. Estava trabalhando na prefeitura de Nova Veneza, no setor de agricultura.

Em suas entrevistas, os 4 participantes relataram ter tido, em algum momento da vida ou atualmente, ocupações precarizadas e instáveis no mercado de trabalho. Ednei, nos contou sobre uma empresa de aves que trabalhou, localizada na região Sul de Santa Catarina:

é uma baita exploração, eu falo muito isso nas minhas aulas quando eu vou falar sobre xenofobia por exemplo, tu vai ver a JBS é cheia de imigrantes, haitianos, ganês, (...) as pessoas geralmente falam que eles vem aqui roubar nossos empregos, (...) a grande maioria não quer se sujeitar a trabalhar na JBS, e daí essas pessoas que não tem outro caminho, eles acabam abraçando isso como uma salvação né, eu acho que é um lugar insalubre né (...) acho que é exploratório e mal remunerado também [sic] (Ednei).

Outro conceito debatido por Fraser (2020) e Antunes (2018) que apareceu nas histórias e inquietações de alguns participantes é a flexibilização nos contratos. Tatiane relata sobre sua condição de professora ACT: “É muito desgastante, humilhante, nos deixa muito inseguros (...) Tu trabalha de março até dezembro, os demais meses tu tem que sobreviver com aquilo que tu conseguiu juntar, uma vida bem desgastante assim[sic]” (Tatiane).

Sobre contratos precarizados no setor da educação, Ednei relata:

ser um problema do mundo atual, em que fica mais fácil para o patrão e difícil para o trabalhador (...) tipo a gente que é ACT, quando vai comprar uma casa? porque não sabe se vai estar empregado, a gente passa por tudo isso de alguma forma [sic] (Ednei).

Na realidade de pessoas que precisam ter mais de um emprego para complementarem suas rendas, os discursos neoliberais de liberdade e flexibilização podem ser bastante sedutores. Lívia, em sua entrevista, fez essa associação pois, segundo ela, a pessoa pode ter um emprego de carteira assinada e outro para ganhar um extra. Relatando uma experiência marcada pela violência em casa, exclusão na escola e experiências instáveis no mercado de trabalho, ela conta ter abandonado, pelo menos por enquanto, seu desejo de cursar enfermagem. Segundo ela, falta dinheiro. Atualmente, a família acolhe idosos em sua casa, para tentar fazer um negócio próprio. Ela, sua mãe e irmão vivem nesta casa e se revezam para não precisarem pagar um funcionário para ficar com eles. Lívia relata ajudar sua mãe em tudo, menos no financeiro, que acha mais difícil, talvez por faltar-lhe aquele conhecimento que lhe foi negado na escola durante sua infância e adolescência.

Em relação aos contratos “flexíveis”, Ruan disse que precisa estar bom tanto para empregado quanto para o patrão. Os dois estando de acordo cientes, não tem problema. Deu

exemplo de quando trabalhava na roça, onde não tinha carteira assinada, um emprego “somente de boca” e diz: “Sempre tive consciência de que era aquilo ali, ganhava a mais na roça também, é a realidade da roça” (Ruan). Argumenta: “por que vão pagar carteira assinada, se eu ganho 2.000,00 vão da mais 2.000,00 lá para o governo, para poder ta me fixando, então dá esse dinheiro pra mim então né, acredito que era bom pros dois lados” [sic] (Ruan).

Porém, quando questionado se pagou ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) nesse tempo, relatou que não. Quando perguntado se mesmo assim foi positivo, responde que: “Hoje não, quem trabalha assim, tem que pagar um autônomo (...) mas naquela época no início não tinha consciência que era importante, era novo também né” [sic](Ruan).

A partir das entrevistas, percebemos que os 4 jovens adultos, apesar de serem filhos de classe trabalhadora e terem concluído pelo menos o Ensino Médio, relataram experiências no mercado de trabalho precarizadas e instáveis. Ednei tocou em um ponto bastante significativo em grandes empresas que têm se instalado em pequenas cidades no interior de Santa Catarina: muitas delas tem incentivado a vinda de imigrantes de diferentes partes do Sul Global, aproveitando-se das situações de vulnerabilidade das pessoas. Oferecem para imigrantes e nacionais postos precarizados de trabalho, com baixa remuneração. Outro aspecto relatado por ele diz respeito às consequências deste trabalho precarizado na saúde dos trabalhadores.

Sobre os trabalhos ditos “flexíveis”, a fala de Tatiane indica as consequências negativas deste modelo no cotidiano dos trabalhadores. Estes contratos possibilitam a maximização de tempo, mais horas trabalhadas, mais produtividade, menos custos para a empresa ou, no caso de sua experiência, para o sistema público de educação. Na fala de Ednei, destacamos que a insegurança causada por esses contratos não diz respeito somente à preocupação da renda no final de todos os meses, mas sim a uma estrutura de organização do tempo da vida. As pessoas ficam presas no presente, vivem sem referência de futuro, já que não sabem para onde irão na próxima oportunidade, nem se terão trabalho.

No caso dos dois participantes que são professores, por não terem a possibilidade de permanecer nos seus empregos, não se sentem valorizados e não conseguem manter vínculos e sentimento de pertencimento, pois frequentemente necessitam sair das escolas onde atuam e, no próximo ano, talvez reiniciar em outra escola.

No âmbito da difusão de ideologias neoliberais, pensamentos como o de Livia e Ruan são compreensíveis, pois para a maioria dos trabalhadores que exercem mão de obra desqualificada, um único salário acaba não sendo suficiente. Podem compreender, inclusive, que nesses moldes de contratos desregulamentados está uma “oportunidade” ou até “salvação” na luta pela sobrevivência. É um cenário que traz à tona a triste realidade brasileira, o percurso tortuoso da classe trabalhadora em busca da sobrevivência. No caso específico da fala de Ruan, vemos os discursos da ideologia neoliberal juntamente com um projeto de sociedade que culpabiliza a vítima e mascara a realidade.

A uberização, conceito que tem como característica uma forma de trabalho desregulamentada, em que a empresa não tem responsabilidades da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), pode ser ilustrada nos casos trazidos acima. A uberização é a informalidade, que aumenta as horas trabalhadas, os subempregos e a perda dos direitos (Antunes 2018).

Também podemos interpretar as experiências dos participantes da pesquisa a partir do conceito de “exclusão includente”, abordado por Kuenzer [20?]. Para ela, uma das características desse processo é substituir pessoas que estavam num contrato regulamentado e admitir outra num contrato desregulamentado, precário.

As experiências relatadas pelos participantes levantam uma preocupação sobre a inserção de jovens adultos no mercado de trabalho. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2020, de quase 14 milhões de desempregados, 70% eram jovens de 14 a 24 anos. Além disso, quando não recebem o capital cultural e econômico de seu contexto, os jovens entram no mercado de trabalho muito cedo, aceitam empregos precarizados, pois não tem preparação para exercer nenhuma função qualificada (Pierri, 2021).

### **Considerações finais**

As trajetórias dos participantes ilustram um mercado de trabalho seletivo e excludente. As múltiplas formas de contratos precarizados e instáveis têm um efeito negativo especialmente nos filhos da classe trabalhadora. Com isso, acabam entrando em empregos inconstantes, pouco remunerados e desvalorizados. Não podemos deixar de citar que dois dos participantes possuem ensino superior completo. Como professores, mesmo qualificados, estão submetidos a posições sem as garantias de trabalho formal regulamentado. A transformação de uma nova forma de trabalho é vital para que o trabalho volte a humanizar e emancipar as pessoas.

Há participantes que acreditam que contratos flexíveis sejam positivos, pois, na medida em que seus empregos não são suficientes para sobreviver, agarram-se a esses outros modelos de contratos para suprir as demandas e sentirem-se mais seguros. Nesse aspecto, presenciamos histórias em que mesmo com Ensino Superior, participantes sofrem com os contratos flexíveis, e outros que, sem o Ensino Superior, não ganham o suficiente para sobreviver e por isso necessitam trabalhar em contratos flexíveis. Precisam conciliar horários para ter renda frente às necessidades básicas cotidianas, vivendo assim num “eterno hoje” (Souza, 2020).

### **REFERÊNCIAS:**

- ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. 10ª reimpr. rev. e ampl. São Paulo, SP: Boitempo, 2009. (Mundo do Trabalho)
- FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. Prefácio: Victor

Marques. Tradução: Gabriel Landi Fazzio. Ano: 2020. E-book.

PIERRI, Vitória. **Desemprego entre os jovens aponta mercado de trabalho desafiador**. Jornal da USP, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/desemprego-entre-os-jovensaponta-mercado-de-trabalho-desafiador/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

MARX, Karl. **O capital**: Livro I. Tradução: Rubens Enderle. Boitempo Editorial, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/O%20capital%20-%20Livro%201.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.

KUENZER, Acacia Zeneida. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. [20?]. Disponível em: [forumeja.org.br/go/files/13%20Exclusao%20Includente%20Acacia%20Kuenzer\\_1.pdf](forumeja.org.br/go/files/13%20Exclusao%20Includente%20Acacia%20Kuenzer_1.pdf). Acesso em: 29 jun. 2024.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira**: quem é e como vive. 3. ed. ampliada com nova introdução. 1ª reimpressão. Colaboradores André Grillo et al. São Paulo: Contracorrente, 2020.